ANDRÉ TAKEDA

AO VIVO

Um Adolescente nos Anos 80

e outras trilhas sonoras.

Para todas as bandas que amo.

Agradecimentos especiais a Alexandre Matias, Marcelo Costa e Robledo Milani, que um dia deram espaço a estas trilhas sonoras.

Um disco ao vivo raramente é um disco de material inédito. É por isso que decidi batizar este livro de AO VIVO. Sei que, à primeira vista, parece ser uma brincadeira pretensiosa. Mas, na verdade, é apenas uma forma divertida de reunir algumas das narrativas curtas que escrevi de 1999 a 2002, tendo sempre como títulos canções de músicas. Essas "soundtracks", como costumava chamar estes textos, foram publicados em diversos sites na internet e, hoje, já não estão mais disponíveis. Reunir todas elas em um livro é uma boa desculpa para apresentar um pouco do meu passado, mesmo que isso prove que o passado e o presente não são tão diferentes assim. Este AO VIVO também tem a sua faixa-bônus: o

último texto foi escrito no início de 2006 para o jornal Zero Hora. Espero que você goste. E, não esqueça, leia no volume máximo.

(Decidi juntar estes textos em fevereiro de 2006. O projeto foi recusado pela editora. Com razão, provavelmente. Por isso, este PDF pode conter erros de revisão. Agradeço a compreensão de todos.)

Um Adolescente nos Anos 80

“The Whole of The Moon” – The Waterboys

Minha mãe sempre disse para falar sobre o tempo. Com certeza não é o assunto mais apropriado para uma noite de sábado. Principalmente quando você tem quinze anos e quer conhecer uma garota. Mas eu não tinha outra opção. Por isso, ignorei toda a minha timidez e, com as pernas bambas de tanto nervosismo, fui em direção ao terraço. E lá estava ela: Julia, com aquele seu jeito de adolescente, um copo de vodca barata em uma mão e um cigarro na outra, acompanhando com os pés as músicas que algum babaca do terceiro ano estava colocando no som. E eu

fiquei ali, parado na entrada do terraço, com as mãos nos bolsos do jeans, pensando seriamente em começar a fumar. Julia olhava para o céu, os seus olhos faziam zigue-zague por entre as estrelas, como se estivessem inventando um caminho em direção à lua. Percebi que já era hora de deixar todo aquele medo estúpido para trás e tomar alguma atitude. E, então, lembrei do conselho de minha sábia mãe.

“Que noite do caralho”, eu disse.

“É verdade.”

“Pois é.”

“Eu te conheço?”

“Não sei. Talvez. Acho que sim.”

“E tu me conhece?”

“Tu é a Julia.”

“Eu mesma. E tu quem é?”

“Eu sou o João da turma 92.”

“Sei...”

“Bem, vou nessa.”

“Peraí. Tu fica dez minutos me observando e tudo o que tem a dizer é isso?”

“Não. Quero dizer, é. Sei lá.”

“Tu tem medo de mim?”

“Medo?”

“Sim, medo.”

“Acho que sim.”

“Por quê? Qualquer babaca do terceiro ano consegue conversar com uma guria, por que tu tem medo de conversar logo comigo?”

“Porque se os babacas do terceiro ano gostassem um pouquinho só das outras

meninas como eu gosto de ti, aposto que também sentiriam medo."

Pronto, pensei, agora estraguei tudo. Ficamos em silêncio por alguns minutos, ela bebeu o resto de vodca em um gole só, ofereceu o meu primeiro cigarro da vida, riu com a minha tosse exagerada, e disse para esperar um instante porque iria até o babaca que estava cuidando do som e pedir para que colocasse uma música decente. Voltou com passos sensuais demais para quem tinha apenas 16 anos, e continuamos em silêncio, apenas a voz de Mike Scott cantando "The Whole of The Moon", e, pela sua respiração, pude perceber que eu já não era a única pessoa que estava com medo e não sabia o que falar naquele terraço.

“Que noite do caralho”, ela disse.

“É verdade.”

“Olha só a lua. Existe alguma coisa mais bonita neste mundo?”

“Existe.”

“O quê?”

“Tu.”

E, finalmente, consegui fazer a única coisa que os babacas do terceiro ano faziam que eu tinha inveja. Foi assim, ao som de “The Whole of The Moon”, Waterboys no aparelho de som, em uma noite do caralho, foi assim, dramatizando tudo como venho fazendo desde que me conheço por gente, que eu dei meu primeiro beijo.

Minha mãe é que tinha razão. Na dúvida, fale sobre o tempo.

Você encontra "The Whole of The Moon" no álbum "This is The Sea".

“Close to Me” – The Cure

A culpa era de seus coturnos. Seus malditos e detonados coturnos que pareciam pisar em cima de meu coração cada vez que Julia colocava os pés na escola. Com seu estilo punk-gótico-menina, reduzia a pó as outras adolescentes enquanto atravessava a quadra de futebol de salão e, para o meu desespero, orgulho e medo, caminhava em minha direção com a sua garrafa de guaraná na mão. E eu, em vão, tentava procurar alguma pista em seu rosto. Um olhar, um movimento de seus lábios, qualquer coisa que pudesse me dizer se o que a gente estava vivendo era uma espécie de namoro ou apenas uma amizade que, além de discos, dividia beijos, abraços e amassos em

nossos quartos e cantos escondidos da biblioteca. Mas não. Julia não parecia estar preocupada com as minhas angústias e muito menos no efeito desconcertante de seus coturnos.

“Aconteceu alguma coisa?”, ela perguntou com o canudo entre os dentes.

“Como assim?”

“Tu não pára de me olhar, João.”

“Sei lá. Eu tava só pensando.”

“Pensando no quê?”

“Nos teus coturnos.”

“Nos meus coturnos?”

“É. Os teus coturnos.”

“E o que é que tem os meus coturnos?”

“Sei lá, Julia. Tu tem estilo, entende?”

“Obrigada. Tu também tem, João.”

“Que nada. Corto os meus cabelos que nem o Barney do New Order e uso tênis iguais aos do Robert Smith. Isso por acaso é estilo?”

“Pelo menos tu ouve New Order e Cure. Já é algo, né?”

“Mas tu é diferente. Eu sou uma cópia xerox vagabunda. E tu é original.”

“Também copio os ingleses, tu sabe disso.”

“Só que em ti tudo faz sentido.”

“Ah, pára de falar bobagem.”

“Não é bobagem.”

“Minha casa tá vazia hoje à tarde. Passa lá?”

“Não é bobagem, Julia.”

“Passa ou não passa?”

Eu poderia ficar ali sem impor minha vontade para o resto da vida. Há um abismo enorme entre as meninas e os meninos quando você é adolescente. No meu caso, um abismo que parecia intransponível. Julia tinha 16 anos e eu 14. Você sabe o que é ser um cara de 14 anos apaixonado por uma menina de 16? Não, você não sabe. Aqueles míseros dois anos significavam o máximo de falta de experiência que um ser humano é capaz de imaginar. Mas, droga, Julia gostava de mim. Eu sabia. Eu sentia. Eu via em seus olhos fechados cada vez que a gente se beijava. Por isso, resolvi abrir o jogo de uma vez.

"Porra, Julia, tu não me ouve? Não é bobagem!", gritei.

“O que não é bobagem, demônio de guri?”

“Não é bobagem, caralho. Não é bobagem eu te ver caminhando com estes coturnos velhos e mal cuidados e ficar tremendo, zonzo, tarado e, ao mesmo tempo, cheio de orgulho porque, porra, é comigo que tu passa as tardes. Mas...”

“Mas...?”

“Mas de que adianta a gente passar as tardes juntos se eu nem sei o que a gente é.”

“Como assim?”

“O que a gente é, ora.”

“Desculpa, João, mas não entendi mesmo.”

“Ah, não me faça falar.”

“Falar o quê?”

“Falar em... namoro.”

Então, pela primeira vez depois de três semanas vi Julia desabar. As pistas que tanto queria finalmente apareceram em seu rosto: um sorriso tímido nos lábios, as sobrancelhas arqueadas, o canudo totalmente mordido.

“Tu tá me pedindo em namoro, João?”

“Que é isso, Julia, não viaja.”

“Tu tá sim me pedindo em namoro.”

“Ah, Julia...”

“Que bonitinho...”, ela suspirou ao mesmo tempo que envolveu os seus braços em meu pescoço, a garrafa de guaraná ainda na mão direita, os olhos fechados e, em um beijo, respondeu o que não perguntei, mas cuja resposta estava ansioso para ouvir.

E naquela tarde, como aconteceu diversas vezes naqueles meados dos anos 80, eu e Julia rolamos pelo carpete de seu quarto ao som de discos de bandas inglesas. A agulha passeando pelos sulcos do vinil. O dever de casa por fazer em cima da escrivaninha. E, claro, os meus tênis iguais aos do Robert Smith jogados no canto do quarto, ao lado dos malditos e detonados coturnos de Julia.

Você encontra “Close to Me” no álbum “The Head on The Door”.

“The Boy With The Thorn in His Side” – The Smiths

Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Sete horas livres para eu fazer o que me desse na telha. Porque, se havia uma parte do dia que era minha e somente minha, essa parte era aquele infinito e, ao mesmo tempo, curto espaço que iniciava com a minha saída da escola e terminava com a volta dos meus pais para a casa. A maioria dos meus colegas passava as tardes da semana em um revezamento físico-cultural: segundas, quartas e sextas para curso de inglês, e terças e quintas para aulas de natação. Talvez fosse a minha preguiça ou, quem sabe, os meus pais não viam motivos para investir no meu futuro, mas

minhas tardes não eram feitas de idiomas e exercícios. Quero dizer, não assim ao pé da letra.

Afinal, eu tinha os meus discos e uma namorada. E, não sei se você sabe, com uma boa coleção de discos e uma namorada, é possível aprender muito bem a língua inglesa e fazer bastante exercícios em sete horas.

"O que quer dizer *thorn*, João?"

"Sei lá, Julia, procura no dicionário."

"Peraí um pouquinho..."

E, assim, Julia afastava os seus coturnos do caminho e caminhava até a minha estante, tentando não escorregar com as meias brancas de algodão tocando o chão do quarto. Ainda em pé, com o uniforme do colégio com as mangas rasgadas propositalmente, ela folheava

com rapidez o dicionário. E num sorriso que só não me derrubava porque já estava deitado ao lado do meu velho aparelho de som Gradiente, ela dizia em voz alta o significado da palavra.

“Tem certeza que é espinho, Julia?”

“Tá aqui no dicionário.”

“Caralho. O que esse cara quer dizer com *o menino com o espinho no seu lado*?”

“Sei lá. Presta atenção no resto da letra...”

“Parece que é a história de um cara meio incompreendido.”

“Olha isso: *desire for love*.”

“E?”

“E, sei lá, João, vai ver que o tal espinho é uma metáfora.”

“Que é uma metáfora eu já tinha percebido.”

“Preconceito.”

“O quê?”

“Preconceito. Talvez seja uma metáfora pra preconceito.”

“Pode ser. Li em algum lugar que o Morrissey é gay.”

“Faz sentindo.”

“Escuta, esta é a parte da música que mais gosto.”

“É lindo mesmo.”

E assim nós passávamos as nossas tardes: ouvindo discos, traduzindo as letras, tentando entender os significados de tantas metáforas e poesias, até então um terreno meio desconhecido para quem há poucos anos

ainda brincava com os bonequinhos Playmobil. Enquanto trocávamos de bandas, indo da poesia excessivamente romântica de Morrissey aos gritos de Wander Wildner, eu já não agüentava mais ver Julia tão vestida, e tão desnuda sem os seus coturnos. Afinal, quando você tem 14 anos, uma menina sem sapatos é o suficiente para colocar os seus hormônios para trabalharem. E, então, olhava para o rádio-relógio na escrivaninha, e percebia que ainda restavam algumas horas da tarde. Impulsionado pelos meus amigos roqueiros, esquecia o nervosismo e a abraçava com força. Era hora dos exercícios. Beijava a sua boca daquele jeito desesperado que só um adolescente sabe beijar e, lógico, começava a minha exploração por baixo de sua camiseta.

Como os meus amigos que, provavelmente, estavam naquele momento em uma piscina, eu mergulhava de cabeça na idéia de tocar, descobrir e sentir cada vez mais o corpo de Julia.

Mas ambos sabíamos que havia um limite.

“Pára, João.”

“Só mais um pouquinho.”

“Teus pais já devem estar chegando.”

“Droga.”

“Não fica assim. Tu sabe que ainda vai acontecer.”

“Quando?”

“Não sei.”

“Ah, tu nunca sabe...”

“Ah, deixa de fazer manha, João.”

“Tá, tá, tudo bem, vai...”

“Ei, vamos ouvir de novo teu disco novo dos Smiths?”

Assim, mais uma das minhas, e somente minhas, tardes chegava ao fim. Logo, meus pais estavam em casa, eu levava Julia até a parada de ônibus, a minha mãe preparava o jantar, e depois eu fazia os meus trabalhos do colégio, que deveriam ser feitos muitas horas antes. Aquelas noites não eram, claro, os melhores momentos de minha adolescência. Mas era só eu pensar que o dia de amanhã sempre era acompanhado de uma tarde que tudo ficava bem novamente. Tem vezes em que tudo que você precisa para ser feliz é um bom disco de rock, uma namorada de meias brancas e sete horas para aproveitar tudo isso.

Você encontra "The Boy With The Thorn in His Side" no álbum "The Queen is Dead".

“The Number of The Beast” – Iron Maiden

Sexo, sexo, sexo. No final das contas, a vida de um menino de 14 anos de idade sempre acaba girando em torno de sexo. Você quer saber o que é, como se faz e, principalmente, de que jeito convencer a sua namorada de que, sim, chegou a hora. E, então, a gente descobre a grande verdade do relacionamento entre homens e mulheres: são elas que detêm o poder. É assim quando você tem 14 anos e será assim quando você for um respeitável senhor de idade. Não tem jeito. Se uma mulher não quer, nada de sexo para você. Mas eu pensava que as coisas poderiam ser diferentes. Principalmente quando eu via Pedro caminhar

pelos corredores do colégio ao lado de sua namorada Lisiane, uma loira quase tão alta quanto ele, e que transbordava sexo por onde passava. A razão disso tudo, pensava eu, era o fato de Pedro e Lisiane gostarem de heavy metal. Claro. Só poderia ser isso. Os dois passavam as tardes ouvindo canções que falavam de sexo e demônio, enquanto eu e Julia colocávamos Smiths no toca-discos. Smiths! Apenas um adolescente ingênuo como eu poderia acreditar que ouvindo a voz de Morrissey seria possível levar uma menina para a cama. Minto. Eu e Julia já tínhamos ido muitas vezes para a cama, o problema era o que fazer lá. E, no meu raciocínio perfeito, Pedro e Lisiane iam muito além de beijos e

amassos na cama enquanto Iron Maiden tocava no aparelho de som.

Mas um dia, enquanto procurava um livro de Machado de Assis na biblioteca, Pedro veio falar comigo.

“Cara, me conta o teu segredo”, ele disse.

“Contar o quê?”

“Teu segredo. Como é que tu conseguiu transar com a Julia, essas coisas.”

Só poderia ser piada. Olhei para os lados. Talvez fosse uma peça que os meus colegas estivessem pregando em mim.

“Tu tá louco, Pedro.”

“Ah, pára João. Fala de uma vez.”

“Isso é uma brincadeira?”

“Que brincadeira, nada. Não quer falar?”

“Falar o quê?”

“Já te disse, caralho. O que tu fez pra convencer Julia a transar contigo.”

“Mas eu e Julia ainda não transamos.”

“Como é que é?”

“Eu e Julia não transamos.”

“Mentira.”

“Sério! Peraí... Tu tá querendo dizer que ainda não rolou nada com a Lisiane?”

“Não vem pegar no meu pé.”

“Não?”

“Não. Claro que não. A loira é uma fera.”

“Mas ela gosta de Iron Maiden.”

“E o que é que tem? A Julia gosta de Smiths e também não quis transar contigo.”

“Só que Iron Maiden, ah, tu sabe o que quero dizer. Iron Maiden é som de menina avançadinha.”

“E Smiths o que é? Já viu aquele Morrissey cantar? Se uma menina gosta daquele cara deve ter cabeça aberta o suficiente pra transar com o namorado.”

“Olha, Pedro, acho que nós dois estamos errados.”

Sim, eu e Pedro estávamos completamente errados. Mas errei mais feio ainda porque ele nem havia tocado no seios de Lisiane. E isso era algo que eu sempre fazia com Julia. Teve até um dia que consegui beijar os seus seios, mas acabei me empolgando e dei uma mordida de leve e, então, ela me empurrou com tanta força que caí da cama. De

qualquer forma, eu estava bem anos-luz na frente de Pedro. Definitivamente, os metaleiros haviam caído no meu conceito. E não era só isso: se Pedro ainda não tinha transado com Lisiane, as coisas eram piores do que eu imaginava.

“Por quê? Por que tem que ser tão difícil?”, perguntei desesperado.

“Sei lá, João. Talvez seja medo.”

“Mas também tenho medo, caralho! E se eu não funcionar na hora? E se ela ficar grávida? Porra, morro de medo e mesmo assim.”

“Mesmo assim tá louco pra transar, eu sei.”

Eu e Pedro ficamos em silêncio por alguns minutos. Estávamos em pé, ali na

biblioteca, com trabalhos de literatura para o outro dia por fazer, totalmente sem esperança alguma no mundo. Eu já estava me conformando com o fato de eu ter 14 anos, quase 15, e ainda ser virgem. Hoje eu sei que não é nada vergonhoso você não ter feito sexo até com 20 anos, mas vai explicar isso para os meus hormônios adolescentes. O fato é que estávamos os dois ali na biblioteca, eu e Pedro, quando vimos, por meior das frestas dos livros, Julia e Lisiane no outro lado da estante. Nós ficamos em silêncio e, forçando os olhos, conseguimos descobrir qual era o livro que elas estavam retirando. Quase caímos duro. Julia e Lisiane estavam com “Sexo Para Adolescentes” ou algo parecido, não lembro ao certo, mas o

que importa é que as nossas namoradas tinham um livro sobre sexo nas mãos.

Eu e Pedro sorrimos. Ainda existia esperança neste mundo.

A vida das meninas era como a nossa.

Também acabava girando em torno de sexo.

Você encontra "The Number of The Beast" no álbum "Number of The Beast".

“If You Leave” – Orchestral Manoeuvers In The Dark

Quando você tem 14 anos de idade a morte é algo tão distante quanto improvável. Você quer experimentar todas as combinações alcoólicas possíveis, todos os tipos de cigarros, todas as amizades perigosas, todas as ruas escuras e mal freqüentadas que a sua mãe vive dizendo para não ir. Você tem toda a vida pela frente e a morte, pelo menos na minha adolescência, era assunto de letras do Joy Division e revistas em quadrinhos. Não que eu fosse um maluco sem limites. Muito pelo contrário, sempre fui o mais moderado da turma. Mas era inevitável não sentir um certo poder de imortalidade ao

lembrar que eu mal tinha completado uma década e meia de vida.

E foi assim, com esta típica petulância adolescente, que eu, Julia e Carlinhos, o seu irmão de 17 anos e o maior fã de The Doors que já conheci em toda a minha vida, saímos daquela festa de Miss Brotinho do colégio e fomos procurar um lugar tranqüilo para fumar os nossos baseados. Não havia nenhum lugar escondido naquele maldito clube, então resolvemos subir até o trampolim mais alto da piscina.

“Caralho, é muito alto”, eu disse.

“É alto nada, João”, Carlinhos falou.

“Deixa de ser medroso e vamos nessa. Imagina, a vista lá em cima deve ser maravilhosa”, Julia resmungou enrolando as

palavras por causa das cervejas a mais que bebemos.

Não, não poderia deixar a minha namorada pensar que era um covarde. Por isso, tomei coragem e subi as escadas logo depois de Carlinhos. Sim, a vista lá em cima era maravilhosa. Parecia que poderíamos tocar o céu. Carlinhos acendeu um baseado, eu e Julia deitamos no trampolim, o seu rosto repousando sobre o meu peito. De longe, conseguíamos ouvir o som tipicamente FM vindo da pista de dança. Para a nossa surpresa, Carlinhos acompanhava a batida da música com os pés e, de repente, fechou os olhos e começou a falar como se fosse um pecador num confessionário.

“Estão ouvindo isso? Estão ouvindo? Vocês sabem o que é isso? Eu sei. É um tal de OMC, OME, OMV. Tanto faz. É uma porcaria, né? Claro que é. Pop de segunda. O cara canta que nem viado. E estes teclados? Que porra de teclados são esses? Mas nada disso importa. Sabem o que importa? O que importa é que semana passada fui expulso da aula de educação física e fiquei vendo as meninas fazendo ginástica lá na quadra de futebol de salão. E, de repente, vejo a Erica dançando esta música fodida ao lado do rádio-gravador. Caralho. Fiquei pasmo. Nunca vi coisa igual. Ela ali, dançando uma merda de música, com um desgraçado de um short de lycra justo, mas muito justo, e eu completamente zonzo. Quando percebi, tava apaixonado. Apaixonado

pela Erica que ouve OMV, OMP, sei lá, anda de Morey-Boogie na praia e lê Capricho."

Eu e Julia ficamos em silêncio. Em outras situações, a maconha teria me feito rir sem parar, mas ele pareceu tão sincero que apenas sorri. Acho que, no fundo, estava feliz por Carlinhos.

"É OMD, Carlinhos", Julia falou.

"O quê?"

"O nome da banda é OMD."

"É ruim, né?"

"Não... Até que é bom, Carlinhos. É um pop gostoso. Ouve só."

"Porra, eu gosto é de Doors."

"E daí?"

"E daí que a Erica nem deve saber quem é Jim Morrison."

“Grande coisa. Tu tá apaixonado. E isto é lindo.”

“E o que eu faço agora?”

“Ah, sei lá. Se eu fosse tu, mandava tudo a puta que pariu e iria atrás da Erica.”

“O quê tu tá dizendo?”

“Isso mesmo que tu ouviu: mergulhava de cabeça nesta paixão.”

Então aconteceu.

Carlinhos correu pelo trampolim e se jogou na piscina. Eu e Julia apenas vimos as suas pernas caminhando no ar enquanto o seu corpo caía em alta velocidade. Os olhos arregalados, os cabelos ao vento, o baseado na mão. Por alguns segundos, eu e Julia ficamos imóveis, sem entender, e muito menos acreditar, no que estava acontecendo. Ouvimos

o splash de seu corpo contra a água e, com os corações a mil, caminhamos até a beira do trampolim. Julia repetia “filha da puta, filha da puta, filha da puta” e, com as pernas tremendo, olhamos para baixo.

Foram cinco segundos. Cinco segundos que valeram por um ano. Cinco segundos de agonia. Cinco segundos até o rosto de Carlinhos surgir na piscina e a sua risada irônica ecoar pelo clube. Cinco segundos até eu e Julia também nos jogarmos do alto daqueles dez metros de altura e selarmos nosso namoro com um beijo no ar. Cinco segundos para Carlinhos decidir que pouco importava que Erica fosse quem aparentava ser e que, sim, ele deveria ir o mais rápido possível, talvez

naquela festa mesmo de Miss Brotinho e ao som de OMD, à sua procura.

Porque, você sabe, por mais que a morte esteja distante, a vida é sempre curta.

Você encontra “If You Leave” no álbum “The Best of Orchestral Manouvers In The Dark”.

“Fall on Me” – REM

Eu sempre odiei aniversários. Sempre. Desde a minha festinha de 6 anos, quando eu tive uma maldita intoxicação alimentar de tanto comer bolo e beber Fanta Laranja. Desde então, associei aniversários àquele gosto horrível de vômito na boca. E, você tem que concordar comigo, isso já era um bom motivo para tremer cada vez que chegava setembro. Por isso, enquanto metade dos caras da minha idade ficava feliz em completar 15 anos, eu queria apenas ficar mais velho sem que isso envolvesse data especial, festa e presentes.

Mas Julia colocou na cabeça que deveríamos organizar uma festa. E nada que eu dissesse poderia mudar a sua opinião.

“Sou velho demais pra reunião dançante, Julia.”

“Mas quem é que tá falando em reunião dançante? É só uma festa. A gente chama um pessoal, bebe algumas cervejas, ouve um som decente.”

“Tu não tá entendendo. Eu não gosto de aniversários.”

“Droga, João, tu tá fazendo 15 anos. Deixa de ser chato.”

“Tu que tá sendo chata.”

“Eu?”

“É.”

“Mas...”

“Ah, Julia, não enche.”

Por que, afinal, o ser humano tem esta mania de ser extremamente rude com as

pessoas que gosta? Por que, alguém por favor me diga, temos que maltratar quem mais gosta da gente? Por que, eu preciso saber por quê, fui tão idiota naquela tarde e magoei Julia? Simplesmente não sei.

E não sabendo, até hoje fico louco só de pensar que tudo o que ela queria fazer era uma festa para o seu namorado. Só isso. Qual namorado iria ficar bravo com a sua namorada só porque ela queria organizar uma festa no seu aniversário? Nenhum. Apenas o babaca aqui.

Sim, Julia parou de encher o meu saco. E também ficou dias sem falar comigo. Aliás, para falar a verdade, eu estava tão cheio de razão que fiquei alguns dias achando que era ela que deveria me procurar. Afinal, Julia é que

tinha desrespeitado a minha opinião. Quando percebi que havia pisado na bola, já era tarde demais. A menina estava uma fera e não queria saber de ouvir a minha voz.

E, então, três dias antes do meu aniversário Pedro teve uma idéia.

“Cara, faz tu uma festa.”

“Ah, tu deve estar brincando comigo.”

“Não, tu não tá me entendendo.”

“Como assim?”

“Diz que vai fazer uma festa e só convida a Julia. Faz uma surpresa pra ela. Tipo, uma festa particular.”

“Será que ela vai? E só de pensar em falar com ela, já fico todo tremendo.”

“Deixa comigo. Peço pra Lisiane colocar uma pilha nela.”

Uma festa só para Julia? Não era uma má idéia. E, além do mais, eu não tinha outra opção. Por isso, consegui que os meus pais liberassem a casa naquela quinta-feira. Meu pai ainda resmungou que quinta não era dia de festa, mas a minha mãe deu uma força dizendo que era para fazer um agrado com a namorada e tudo ficou bem. Estava tudo pronto: salgadinhos, cervejas e o novo disco do REM. Tudo perfeito. Até que, às dez em ponto, toca a campainha.

"Feliz aniversário, João", Julia disse.

Eu fiquei paralisado. Não conseguia acreditar no que estava vendo. Aquilo era bem pior do que gosto de vômito na boca.

“Este é o Marcos”, ela falou apontando para o cabeludo que estava com os braços sobre o seu corpo.

Sem saber o que fazer, fechei a porta na cara dos dois pombinhos. Foi um ato infantil, eu sei. Mas naquela hora só conseguia pensar naquela festinha de 6 anos e, claro, no quanto eu odiava, mas odiava mesmo, aniversários.

Você encontra “Fall on Me” no álbum “Life’s Reach Pageant”.

“Downtown Train” – Tom Waits

Não havia nada pior: além de perder a namorada, era chamado de corno. Tentei de todas as formas esconder que ela havia aparecido com outro na minha festa de aniversário, mas você sabe como é o colégio. Logo, este era o assunto de todas as conversas nos corredores, na biblioteca, no bar, nos bilhetes na sala de aula. Definitivamente, eu era o corno do ano.

E era isso mesmo que eu era, um corno manso. Pior, um corno manso deprimido. Durante duas semanas, não tive vontade de fazer nada. Passava boa parte do tempo matando aula no terraço do colégio, fodendo com as minhas notas e os meus pulmões. Acho

que foram naquelas duas semanas que comecei a ficar viciado para valer em cigarros. Fumava uma carteira por dia, e ainda comprava a marca mais barata para poder fazer render a grana que ganhava dos meus pais. Era um mata-ratos horrível, mas era isso mesmo que eu queria. Sim, eu queria ficar com um gosto podre na boca, com os dentes amarelados, com a roupa fedendo e com a auto-estima lá embaixo.

Talvez fosse o excesso de Tom Waits no walkman, mas tinha certeza que nunca nenhum homem havia sofrido tanto por uma mulher como eu por Julia.

Na verdade, por causa daquele egocentrismo típico de adolescentes, eu acreditava que ninguém jamais iria sofrer

como eu. Até que em uma quarta-feira, durante a segunda aula de literatura que havia matado, ouvi alguém se aproximar no terraço. Pensei que fosse Pedro, a única pessoa que conhecia o meu esconderijo, mas senti um perfume de sabonete de bebê. E definitivamente Pedro não fazia o tipo de quem usava sabonete de bebê.

“Puxa, tu tá mal mesmo, João”, ouvi uma voz conhecida falar.

Ainda sentado no cimento frio, levantei a minha cabeça e olhei para cima. Era Andrea, uma colega de aula. Fiquei de boca aberta por alguns segundos. Eu e Andrea éramos de grupos diferentes. Enquanto eu fazia o estilo roqueiro, ela era toda certinha e andava com os surfistas fãs de reggae.

“Oi, Andrea.”

“Posso sentar?”

“Hã? Sentar? Pode, claro.”

Ela jogou um livro no chão e sentou sobre ele. Provavelmente para não sujar os seus jeans de grife.

“Tá surpreso em me ver aqui, né?”

“Não. Quero dizer, não sei. Talvez.”

“Eu também tô.”

“Tá o quê?”

“Surpresa.”

“Ah, tá.”

“Tudo bem se eu ficar aqui contigo?”

“Por mim tudo bem, mas tu tá matando aula de literatura.”

“Não tem problema. Acho que não vai ter nada de tão importante assim. Além do mais, já tô de saco cheio de Machado de Assis.”

“Machado de Assis é o maior escritor brasileiro.”

“Pode ser. Mas acho que a gente é muito jovem e imaturo pra ler o cara.”

“É. Talvez tu tenha razão.”

Eu não poderia acreditar. Andrea e eu estávamos conversando. Nós éramos colegas de aula desde a terceira série e, desde então, havíamos trocado no máximo vinte palavras.

“Mas não vim aqui pra falar de literatura.”

“Não?”

“Vim falar contigo...”

“Comigo?”

“Sim. É que...”

“Quer um cigarro?”

“Não fumo.”

“Importa se eu fumar?”

“Mais ou menos... Mas se quiser, tudo bem.”

“Valeu. Prometo que não jogo fumaça pro teu lado.”

“Obrigada.”

“Então... Tu veio falar comigo?”

“Vim. É que, hã, tava pensando em tudo que aconteceu. Já ouvi todas as versões: que tu mereceu, que a Julia foi filha da puta, que tu só tá se fazendo de deprimido. Ouvi tudo isso e nada me importa. Não quero fazer julgamentos, nem nada. Só acho que este é um bom momento pra dizer o que sinto.”

“E o que tu sente?”

“Tu não sabe, João, mas desde a quinta série passo boa parte do meu tempo...”

“Continua...”

“Olha, foi difícil vir até aqui. Tive que juntar toda coragem que tenho e que não tenho. Por isso, tu não vai poder me apressar, ok?”

“Ok. Desculpa.”

“Tudo bem. Vamos lá: passei boa parte do meu tempo pensando em ti.”

“Em mim?”

“É, em ti. Desde a quinta série, quando tu se ofereceu pra me levar de ônibus até a minha casa porque o meu pai não podia me buscar, desde aquele dia constrangedor, não paro de pensar em você.”

“Putz. Tinha me esquecido disso. Tu nunca tinha andado de ônibus sozinha e tava morrendo de medo! Que absurdo!”

“Sei que era um absurdo, que eu era uma filhinha de papai medrosa, mas aquilo João, aquilo foi lindo. A gente não falou nada no caminho inteiro e, mesmo assim, só consegui pensar em ti. Sei que nós somos diferentes, sei que tu me acha uma mimada sem graça, mas não posso te ver assim arrasado, perdendo as aulas...”

Eu estava pasmo com tudo aquilo. Mas ainda me achava o maior sofredor de todos os tempos.

“Não sei o que tu tá querendo dizer, Andrea. Só sei que não posso fazer nada. Tô assim fodido e pronto. Fui um namorado

insensível, mereci aqueles chifres. É isso. Sou corno. E não há nada pior do que isso. Ser corno e saber que mereço ser chamado assim.”

“Claro que há coisa pior.”

“O quê, por exemplo?”

“Ser apaixonada por alguém e não ter coragem de dizer. Ser apaixonada por alguém que te acha fútil.”

“Tá falando assim porque nunca viu alguém que tu gosta com outro.”

“Vi sim.”

“Quem?”

“Tu, seu estúpido.”

“Mas não sou teu namorado.”

“Eu correria o risco de ser traída se tu quisesse ficar comigo”, Andrea disse e depois, com uma rapidez de quem era campeã de

handball, pegou o seu livro e desapareceu do terraço.

Fiquei um bom tempo ali, olhando para onde Andrea estava sentada, sem saber o que fazer. De repente, deu um frio na minha barriga e comecei a sentir um medo, o mesmo e velho medo que tanto conhecia, aquele medo de sempre, o medo de estar novamente se apaixonando e não saber o que fazer com isso.

E, quando percebi, já havia descido para a sala de aula. No meio do caminho, ouvi algumas pessoas me chamarem de corno. Não dei a mínima. Afinal de contas, eu já sabia: sim, havia coisa pior no mundo.

Você encontra "Downtown Train" no álbum "Rain Dogs".

“Make Believe” – Joan Jett

O sexo muda tudo. As bochechas ficam rosadas, os seios parecem querer explodir, os passos são mais decididos. Por isso, era fácil saber quando alguma menina no colégio já havia transado. Talvez fosse uma teoria furada, mas sempre acertávamos. Pedro dizia que eram os hormônios que entravam em ebulição e faziam o corpo das meninas se desenvolverem com mais rapidez. E, em dias de tédio, eu e ele ficávamos o recreio inteiro observando o sexo oposto no recreio.

“Olha ali a Erica.”

“Nossa! Que seios.”

“Ela não era assim antes.”

“Caramba. Ela tá gostosa mesmo. E aquele sorriso. Este sorriso é de quem já deu...”

“Será que ela e o Carlinhos já transaram?”

“O quê? Ela tá com o Carlinhos? O irmão da Julia?”

“Ele mesmo.”

“Caralho, eles não têm nada a ver um com o outro. É como tu...”

“Como eu e a Andrea?”

“É...”

“Pode ser. Mas, sei lá, desde aquele dia do terraço tanto eu quanto ela não temos coragem de olhar um pra cara do outro. O foda é que não consigo parar de pensar nela.”

“Que bom. Então quer dizer que tu já superou o episódio Julia.”

“Mais ou menos.”

“Então vira pra lá que ela tá vindo aí.”

Não, eu não havia superado Julia. Até hoje ainda é difícil de imaginar outra pessoa que fosse tão próxima daquilo que sempre pensei como a mulher ideal. Na verdade, Julia era a rock star que tanto desejei desde o dia em que vi uma foto da Joan Jett. Só faltava uma guitarra na mão. O jeito decidido, o estilo de suas roupas, o modo “foda-se” de levar a vida. Hoje eu sei que tudo isso não passa de fantasia da minha cabeça (apesar de ainda tremer as pernas cada vez que vejo a capa de um disco da Joan Jett), mas aos 15 anos eu levava aquilo a sério, tão a sério que quase chorava cada vez que pensava em admitir que estava interessado pela Andrea, e o pior, tão a sério que quase tive

uma crise ao perceber que o corpo de Julia estava mais desenvolvido naquela manhã.

“Tu tá vendo o que tô vendo, Pedro?”

“Não tô vendo nada.”

“Tá sim. Só não quer dizer.”

“É que, sei lá, não quero que tu fique pior.”

“Então tu tá pensando a mesma coisa que eu, né?”

“Tô.”

“Não acredito que ela já transou com aquele babaca.”

“Já.”

“O quê?”

“Nada. Não disse nada, João.”

“Tu já sabia?”

“Não é bem isso.”

“Porra, tu já sabia e não me contou.”

“Já te disse: não queria que tu ficasse pior.”

“Quando foi isso?”

“Não sei. A Lisiane não entrou em detalhes.”

“Não acredito.”

“Aconteceu, João. A Julia tava puta da cara contigo, conheceu outro cara, tu ficou só na fossa, ela se apaixonou. Isso acontece. Falei com ela ontem. Tava lá na casa da Lisiane. Ela só não quer que tu pense que ela não tá nem aí. Que foi uma sacana. Não foi, não.”

“Eu sei que ela não foi, Pedro”, eu disse enquanto Julia comprava um guaraná e, depois, voltava para o prédio e, sem querer, nossos olhos se encontraram e, então, eu sorri.

Foi um sorriso honesto, sincero, carinhoso. Ela mordeu o canudo, acenou para mim e entrou para o prédio do colégio. Eu e Pedro ainda ficamos alguns minutos olhando as pessoas voltarem para a sala de aula, pensei no quanto fui egoísta e orgulhoso em nunca ter pedido desculpas a Julia, queria ter um cigarro em minhas mãos e, de repente, Andrea passou por nós.

“Ela é magrinha demais pro meu gosto, mas é bem bonitinha”, disse Pedro.

Eu fiquei parado, apenas esperando que Andrea olhasse para trás com o seu jeito tímido. E ela olhou. Sim, ela era magrinha demais. Mas, pensei, foda-se, se as coisas derem certo, o sexo há de mudar tudo.

Você encontra “Make Believe” no álbum “Bad Reputation.

“This is The Day” – The The

O fundo da sala de aula era o meu território. Não que eu fosse um aluno arruaceiro ou coisa parecida. Sempre preferi sentar nas últimas classes porque era lá que estavam as pessoas mais divertidas, além de ser um ótimo lugar para eu ficar rabiscando formações imaginárias do que seria a minha banda perfeita sem que nenhum professor viesse encher o meu saco. E foi no dia em que estava colocando Ian McCulloch, do Echo & The Bunnymen, Johnny Marr, do The Smiths, Peter Hook, do New Order, Budgie, do Siouxsie & The Banshees, na mesma banda, foi neste dia igual a todos os dias em que só

pensava em rock que Andrea apareceu ao meu lado e puxou conversa.

“Por que esta cara de assustado?”, ela perguntou.

Era verdade: eu estava assustado. Afinal, desde que éramos colegas Andrea nunca havia sentado lá no fundão.

“É que tô acostumado a olhar pro lado e ver a cara do Pedro.”

“E o que é melhor? Ver a cara do Pedro ou a minha?”

“É que é estranho...”

“Tu não respondeu a minha pergunta.”

Fiquei alguns segundos rabiscando sobre a folha de papel, sem saber o que dizer. Apenas sentia aquele frio na barriga, típico de quem acabou de se dar conta de que está se

apaixonando e que, a essa altura do campeonato, não tem mais volta. Mas, naquele caso, era uma sensação 99% boa. Afinal de contas, não fora eu que havia tomado a iniciativa. Pela primeira vez na vida, poderia dizer que uma menina estava dando em cima de mim. Só que, óbvio, sempre havia aquele medo desgraçado. E, lógico, por causa dele, estar apaixonado por Andrea não era 100% legal.

“Tu não respondeu a minha pergunta”, ela repetiu.

“Só ia falar que é estranho te ver aqui no fundo da sala.”

“E...”

“E respondendo a sua pergunta, é estranho, mas é muito melhor te ver aqui do

que qualquer pessoa. Principalmente o metaleiro do Pedro.”

“Tadinho dele. Vocês parecem ser tão amigos.”

“E somos agora. Quero dizer, há uns dois meses que a gente tem se falado mais.”

“Nunca falei com ele.”

“Ué, tu nunca tinha falado comigo.”

“Mas tu também nunca falou comigo.”

“É que...”

“É que a turma do fundão não se mistura com o pessoal que fica grudado no quadro negro, né?”

“Não era isso que queria dizer.”

“Mas tu acha isso.”

“Tu também acha isso, Andrea.”

“Se eu acho mesmo que a gente não deve se misturar, o que é que tô fazendo aqui?”

Pela segunda vez naquela manhã, Andrea havia me deixado sem palavras. Fiquei olhando para aqueles cinco nomes na última folha do meu caderno. Eram cinco caras, integrantes de cinco de minhas bandas prediletas, cinco músicos que provavelmente nunca iriam tocar juntos. Eles se misturarem parecia tão improvável quanto eu e Andrea nos misturarmos, mas, em ambos os casos, só de imaginar uma possibilidade já me fazia sorrir.

Mas antes que eu pudesse tomar uma atitude, a caneta voou de minhas mãos e caiu no chão. Ainda atônito com tudo que estava acontecendo, fiquei apenas observando aquela velha Bic rodopiar entre a minha mesa e a de

Andrea. E, quando percebi, ela já estava ajoelhada no chão, com a caneta entre as mãos e os seus olhos fixos nos meus. Não sei exatamente o que aconteceu comigo, mas, num impulso, joguei o meu corpo sobre o dela e, enquanto toda sala de aula tentava descobrir de onde vinha aquele barulho de cadeiras caindo, eu a beijei.

“Vamos nos misturar”, eu falei ao seu ouvido.

“Nós vamos é ser expulsos da sala”, ela disse.

E fomos. Sobre gritos e aplausos de toda a turma, saímos de mãos dadas da sala de aula. E, quando fechamos a porta, sorrimos um para o outro com aquela certeza de que já não

existia território meu que não fosse dela e vice-versa.

Você encontra "This is The Day" no álbum "Soul Mining".

“The Killing Moon” – Echo & The Bunnymen

Existem certas coisas na vida que você nunca aprende. Eu, por exemplo, nunca aprendi como agir ao encontrar uma ex-namorada. Está certo que não tive tantas namoradas assim, mas sempre tremi as pernas na hora de falar com uma ex. A primeira vez, então, nem se fala. Fiquei tão nervoso que até pensei que iria ter um ataque cardíaco.

Foi numa festa. Lembro que, apesar de ter sido organizada pelos babacas do terceiro ano, a música até que não estava tão ruim assim. Logo que eu e Andrea chegamos ao apartamento do aniversariante, fiquei impressionado com a qualidade do som. Eram

tantas bandas inglesas legais que não tive como conter a minha curiosidade e, enquanto Andrea conversava com uma amiga, fui ver quem é que estava cuidando do som. E, óbvio, não poderia ser outra pessoa.

Sim, era Julia que estava atrás do toca-discos, com aquele seu jeito de roqueira, um fone de ouvidos pendurado no pescoço, um cigarro aceso entre os lábios, os cabelos espetados e uma maquiagem pesada. Fiquei ali, a poucos passos de onde ela estava, sem saber o que fazer. Confesso que fiquei embasbacado com o seu charme. Olhando ela ali, tão linda discotecando, ficou claro porque eu fora tão apaixonado por ela.

Pensei em dar meia volta e ir embora. Mas Julia já havia me visto. E, além do mais,

eu realmente estava feliz com Andrea, o que me deixava um pouco mais seguro. Por isso, resolvi enfrentar o meu nervosismo e ir falar com ela.

"Oi", eu disse sem jeito.

Julia respondeu com um sorriso. Trocou de discos com uma agilidade digna de um DJ profissional e apagou o cigarro.

"Pensei que tu fosse falar sobre o tempo", ela falou.

"Como?"

"Pensei que tu fosse comentar algo sobre o tempo. Lembra que na noite em que nos conhecemos você falou *que noite do caralho*?"

"É que não sabia como puxar assunto."

"Parece que agora também não sabe."

“Mas é que agora é diferente.”

“Mas não deveria, né? A gente se conhece, já passou por muita coisa juntos.”

“Puxa, Julia, tu sabe muito bem por que é diferente.”

Julia encheu o seu copo de cerveja e acendeu outro cigarro. Acho que eu não era o único nervoso por ali.

“Por que tu veio falar comigo só agora?”

“Sei lá.”

“Sei lá? Isso é tudo que você tem pra dizer?”

“Sei lá, ué. Acho que só falei agora contigo porque eu tinha medo.”

“Medo?”

“Tu sabe que sempre tive um medo enorme de ti.”

“De mim?”

“De ti, da situação, sei lá.”

“Caralho, João este teu medo fodeu com tudo. Por causa dele não foi capaz de me pedir desculpas quando mais me machucou, por causa dele não foi capaz de me procurar e brigar por mim.”

“Mas tu tá bem com o seu namorado, não tá?”

“Não vem ao caso. O que importa é que talvez eu tivesse te perdoado antes. Mas não. Tu tem medo e pensa que isso é orgulho. Tu tem medo e pensa que é depressão.”

“O que posso fazer?”

“E eu vou saber? Sei lá, deixa de ser tão adolescente.”

“Mas, Julia, pelo amor de Deus, querendo ou não, eu sou um adolescente.”

E, então, ela começou a rir. Se eu fechar os olhos agora, posso ver exatamente o seu riso solto e infantil. Foi a última vez em que a vi assim tão próxima de mim e, ainda bem, é aquele jeito alegre que guardo comigo desde então.

“Nós somos adolescentes, João”, ela falou ainda rindo e enfatizando o “nós”. “Somos adolescentes e somos todos uns medrosos.”

“Mas a gente vai melhorando, né?”

“Tomara.”

“Pelo menos eu deixei um pouco do meu medo de lado, e fiquei com uma menina que nunca pensei que fosse ficar...”

“Ouvi falar. Disseram que a cena do beijo na sala de aula foi de cinema.”

“Não sei o que aconteceu comigo. Não pensei em mais nada, só em pular em cima da Andrea.”

“Quer saber? Eu tenho ciúmes dela.”

“Eu também tenho ciúmes do teu namorado.”

“Acho que ciúmes de verdade é ela que tá sentindo, João. Olha ela ali. Não parece nada satisfeita em te ver aqui.”

Julia tinha razão. Do outro lado da sala, Andrea só faltava me encher de tapas com os olhos.

“Vai nessa, João”, Julia disse.

“Desculpa qualquer coisa, tá?”

“Sem desculpas, ok?”

“Mas...”

“Tudo bem, tá desculpado. Agora anda, vai.”

Sem olhar para trás, caminhei em direção a Andrea.

“O que tu queria com ela?”, Andrea perguntou.

“Só fui pedir uma música”, respondi.

“Ah, é? Qual?”

“Uma da minha banda predileta”, eu disse acreditando que Andrea nunca fosse lembrar o nome da banda.

“Olha, se não tocar aqueles tais de Echo e sei-lá-o-quê agora mesmo, tu vai se ver comigo.”

Engoli em seco.

De repente, a música parou. E, por um milagre, “The Killing Moon” começou a tocar nas caixas de som. Andrea me olhou desconfiada, mas reconheceu a música que eu não parava de ouvir nas nossas tardes lá em casa e, antes de entrar os vocais, me abraçou com força, como se quisesse mostrar a todos que somente ela poderia fazer o meu coração acelerar. Com o rosto sobre o ombro de Andrea, pude ver Julia sorrindo para mim. Sorri de volta e pensei que já era hora de começar, mesmo que lenta e gradativamente, a crescer. Mas, você sabe, há coisas na vida que a gente nunca aprende.

E eu, ainda bem, nunca aprendi a crescer.

Você encontra “The Killing Moon” no álbum “Ocean Rain”.

Heartphone

“Câncer” – Walverdes

O som está estupidamente alto. As guitarras quase rasgam os meus tímpanos. O contrabaixo causa um pequeno terremoto em meu corpo. A voz sai rouca e forte, em um grito que disfarça um inglês mediano. E não sinto o coração, apenas o bumbo em meu peito. Tento proteger o copo de cerveja dos braços e pernas que parecem voar ao meu redor e, por alguns segundos, tenho esta certeza de que meu mundo poderia ser apenas isso. Talvez possa ser muita falta de ambição, mas tudo o que quero da vida está em meus discos, fitas, CDs e palcos de bares sujos e mal freqüentados.

Mas, então, eu a vejo. Ela está lá do outro lado do bar, sentada no degrau da escada

que leva até o banheiro. Olha atentamente para o chão, como se os seus sapatos fossem muito mais interessantes do que aqueles quatro caras suados no palco. Nem ao menos acompanha o ritmo com os pés. Concordo que alguém possa detestar estas músicas. No entanto, nunca imaginei que uma menina de vinte e poucos anos de idade estaria indiferente. Ainda mais em um show no volume máximo. E, assim, impulsionado por um misto de curiosidade, indignação e atração, empurro todas as pessoas que vejo pela frente e me dirijo até as escadas.

– Oi!!!! – eu grito.

Ela não responde.

– Não tá gostando do show?!?!?! – digo colocando em risco as minhas cordas vocais.

Finalmente, uma reação. Ela olha para mim e começa a gesticular. Com uma das mãos, aponta para os ouvidos. Eu sabia. É o volume. Tenho vontade de ir até o palco e desligar todos os amplificadores. Mas, como prezo pela minha integridade física, inclino o corpo e, mais próximo de seu rosto, falo:

– Tá alto, né?!?!?! Será que a gente pode conversar?!?!?! Lá fora!!!!!

Nada. Ela não diz nada. Apenas gesticula. Droga. Agora começo a entender. Isso é um fora. Um fora humilhante. Sem palavras. Não sou digno nem ao menos de uma única frase. Dou um sorriso sem graça. E resolvo ir pegar mais uma cerveja no balcão.

– Tu queria falar com aquela menina? – ouço alguém perguntar. É Maria, velha

companheira de shows, cervejas e noites solitárias.

– Queria – digo. – Mas, porra, nunca vi algo parecido. Ela é louca. Doida. Fica ali com cara de entediada num show desses e, quando apareço pra conversar, não é nem capaz de dizer pra eu ir pro inferno. Fica ali quieta. Em silêncio. Que coisa. Fica se fazendo de surda pra me mandar embora.

– Mas ela é surda, Gabi – Maria fala.

– Como? – pergunto.

– Ela é surda – Maria repete e depois completa: – E muda.

– Surda-muda? – pergunto novamente.

– Sim, seu estúpido – Maria responde, depois pega a sua cerveja e vai dançar perto do palco.

Você encontra “Câncer” no álbum “90 Graus”.

“The Sunshine Underground” – The Chemical Brothers

A linguagem do flerte é feita de silêncio. Apenas olhares, gestos, sorrisos e mãos trêmulas. É um mundo que, até hoje, sempre pensei que conhecesse razoavelmente bem. No entanto, sinto todos os meus músculos paralisados. Não consigo olhar, gesticular, sorrir e, apesar deste nervosismo excessivo, as minhas mãos nem ao menos conseguem tremer. E ela continua lá, sentada no degrau da escada, mesmo com o final do show de rock que parecia não entender. A música que sai das caixas de som agora é eletrônica, robótica, orgânica. Mas ela não consegue diferenciar uma da outra. E esta surdez que a faz viver em

um mundo tão particular, inibe todo o meu flerte. Porque sei que ela conhece todos os gestos e sinais melhor do que ninguém. E, como um turista perdido em Paris que tem vergonha de mostrar o seu francês primário, não consigo levantar uma sobrancelha sequer.

Talvez seja melhor procurar uma tradutora. Procuro por Maria. Ela está dançando sozinha no meio da pista, enquanto a banda recolhe os seus instrumentos no palco. Caminho em sua direção e, de repente, ao olhar para o lado, vejo que a escada está vazia. Droga. Ela deve estar indo embora. Seguro Maria pelos braços, interrompendo a sua dança, e pergunto:

– Sabe quem é ela?

– Sabe o que é isso que tá tocando? Não parece que a gente pode voar? – ela fala tentando livrar os braços de minhas mãos.

– E eu lá tô interessado em voar? – digo. – Quero saber quem é ela. Como foi que chegou aqui? Como é que eu faço pra falar com ela?

– Falar vai ser difícil – Maria sorri.

– Isso foi uma piada? – pergunto com uma ponta de irritação.

– Desculpa, Gabi – ela fala e pára de dançar. – Tu tá mesmo interessado na guria, né? Tudo que sei é que veio pra cá com uma amiga minha. Tu conhece. A Aninha. E se quer mesmo falar ou, sei lá, se comunicar com ela, é melhor correr porque tô vendo as duas na saída – e aponta para a porta do bar.

– Valeu, Maria – agradeço. – E, ah, antes que eu esqueça: isso que tá tocando é Chemical Brothers.

Saio correndo feito um idiota pelo bar, desço de três em três degraus as escadas que levam à rua, e antes que Aninha e sua amiga possam chamar um táxi, grito:

– Aninha!!!

Ela olha para trás e franze a testa como se estivesse tentando me reconhecer. Depois, sorri. Faz alguns gestos para a sua amiga, e as duas se aproximam de mim.

– Oi, Gabi – Aninha fala. – Tudo bem?

– Tudo – respondo e olho para sua amiga que parece estar sem graça. Provavelmente está pensando na cena ridícula das escadas. Eu estou. E, claro, fico vermelho.

– Ah, – Aninha diz olhando para sua amiga. – Esta é a Lana. Ela é...

– Eu sei – interrompo. – A Maria me contou. Tentei conversar com ela lá no meio do show, mas não deu certo. Eu não sabia. Vim atrás de ti, Aninha, porque pensei que, de repente, tu pudesse...

Aninha sorri.

– Entendo – ela fala. Faz alguns gestos, sinais com as mãos, alguns que até lembro de ter visto em um daqueles folhetos que alguns surdos-mudos distribuem em ônibus coletivos, e, inesperadamente, Lana estende a mão direita e me cumprimenta.

– Vocês já vão embora? – pergunto.

– Já – Aninha responde. – Foi bobagem minha ter convencido a Lana a vir comigo.

Ficou meio entediada. É uma pena. Porque o show tava ótimo, né? Aquele baixinho de óculos é muito bom. Como é o nome dele mesmo? O guitarrista? Tu sabe quem é, né?

– Acho que é Mini ou coisa parecida – respondo sem dar muita atenção a Aninha. – Mas o show tava muito bom mesmo. O som tava alto pra caralho. Até pensei que a Lana não tava me escutando por causa disso.

Ela ri e gesticula para Lana. Deve estar dizendo o que eu disse. As duas gargalham.

– O que mais posso fazer por ti, Gabi? – pergunta Aninha ao mesmo tempo que olha para o relógio.

Preciso ser rápido. Preciso ter coragem. Fico vermelho de novo. Lana sorri. É isso, penso, é isso que é a linguagem dos sinais.

– Será que pode pedir o número do telefone dela pra mim? – digo.

– Telefone? – Aninha diz surpresa. – Tem certeza que quer o telefone dela?

Puta que pariu. Como sou idiota. Telefone? Espero que Lana não leia os lábios.

– Então, tu quer mesmo falar com ela, né? Vou ver o que posso fazer. – Aninha diz e começa novamente a fazer diversos gestos que confundem a minha cabeça. Depois, fala: – Anota aí o e-mail dela.

– Anoto – eu digo e, depois de decorar o e-mail de Lana, nós nos despedimos e, enquanto permaneço na rua observando os seus movimentos, as duas entram em um táxi. Quando ele parte, percebo que Lana olha para trás e, mais uma vez, sorri. E, não sei se você

pode me entender, mas interpreto aquele olhar como a primeira frase que ela diz para mim.

Você encontra “The Sunshine Underground” no álbum “Surrender.

“Unchained Melody” – U2

Você passa anos no colégio aprendendo como falar direito, estudando a pronúncia correta e os sons das palavras, as diversas diferenças de sotaque e contrações e, nem por um segundo, percebe que o mundo não é apenas habitado por ouvintes. Não, não há por que se sentir culpado por isso. Eu não me sinto. Acredito, talvez, que seja um pouco ignorante e, quem sabe, insensível, porém não tenho culpa em mim. Enquanto espero Lana responder ao meu primeiro e-mail, escrito após centenas de rascunhos em um domingo de chuva, tento recuperar o tempo perdido. Pesquiso sobre instituições de surdos na internet. Leio experiências pessoais em sites do mundo

inteiro. Imprimi um alfabeto surdo-mudo e colei no espelho do banheiro.

Minha mensagem foi simples, direta e, na medida do possível, não tão fria e também não tão íntima.

“Lana

Tudo bem? Não sei se lembra de mim, sou o João. Aquele do show de sexta. Queria pedir desculpas pela minha falta de sensibilidade enquanto tu estava sentada lá nas escadas. Também como poderia adivinhar, né?

Será que a gente pode se conhecer melhor? Gostaria muito de saber mais sobre ti. Já sei que não gosta de Walverdes...

Um beijo.

Gabriel”

Sei que a parte do "... sei que não gosta de Walverdes" pode parecer meio ofensivo. Você sabe, Walverdes era a banda que estava tocando naquele bar na sexta. Quem sabe ela goste de uma brincadeira assim. Talvez perceba que não me importo com o fato de que ela seja surda-muda.

Finalmente, uma resposta.

"Gabriel

Oi! Comigo está tudo bem. Com muita matéria atrasada pra colocar em dia, mas tudo bem. Sabe como é a faculdade, né?

Em primeiro lugar, não sou surda-muda. Sou apenas surda. Entendo que muita gente pense que sou muda também. Não falo quase nada. Mas, também, quando tu deixa de

ouvir aos quinze meses de vida não é de se esperar muita coisa, né?

Segundo, não gosto mesmo de Walverdes. Prefiro gente mais bem arrumada. Adoro, por exemplo, U2. Eles, sim, me fazem ter vontade de ouvir.

Terceiro, tu tem ICQ? Sabe o que é ICQ, né? Aquele programinha onde a gente pode conversar e saber se alguém está on-line na Internet. Se não tem, faz o download. Quem sabe a gente não possa conversar?

Beijão.

Lana”

Não, eu não sabia o que era ICQ. Instalo o tal programa, e depois escrevo para Lana.

“Lana

Oi. Sou eu de novo. Acabei de instalar o ICQ. Quando é que a gente se encontra?

E, ah, Walverdes é muito legal. Não sabe o que está perdendo. De qualquer forma, gostaria de poder te fazer sentir tudo o que a música pode fazer com a gente. Posso tentar?

Beijos.

Gabriel”

Desligo o computador. Sei que daqui a dez minutos vou ligá-lo novamente para ver se recebi algum e-mail. Enquanto isso, coloco U2 no meu aparelho de som, fecho os meus olhos e tento transformar em palavras o que sinto. E diversos sentimentos surgem em meu corpo, mas nenhum tão forte quanto uma saudade quase insuportável de estar com quem nunca estive antes. Por isso, olho para a folha de

papel que imprimi e aprendo como dizer isso na linguagem dos sinais. Talvez nossa próxima conversa não seja em um chat de ICQ.

Nunca se sabe.

Você encontra "Unchained Melody" no álbum "The Best of U2 1980-1990/B-Sides".

“I Love How You Love Me” – Bryan Ferry

Perguntei se poderia conhecê-la melhor como se fosse fazer alguma diferença saber qual é a sua cor predileta ou o seu time de futebol. Eu já estava apaixonado e, por causa deste meu excesso de romantização, acredito que assim estive desde que nasci. Na verdade, aquela pergunta escondia um pedido urgente, quase um socorro, para que eu pudesse entrar em sua vida.

E, depois de alguns e-mails, o meu pedido foi realizado. Logo, eu e Lana começamos a conversar todas as noites em chats particulares no ICQ. Ela digitava com

rapidez, parecia uma criança que começa a falar e esquece de respirar.

Até que um dia o inevitável aconteceu.

“Acho que a gente tem que se encontrar”, ela digitou.

“Encontrar?”, escrevi.

“Sim”, respondeu ela.

“Ao vivo?”, mesmo em um chat eu não conseguia esconder a minha estupidez.

“Tu tá com medo. Tudo bem. Eu entendo. Mas não tem por que ficar com medo. Já aprendeu alguns sinais, o alfabeto todo... Não vai ser tão horrível assim”, ela disse.

“Desculpa. Estou sendo um idiota. Como sempre. Mas será que não podemos levar o computador junto?”, perguntei.

E foi assim que vim parar aqui neste café. Cheguei quinze minutos antes porque estou muito mais nervoso do que imaginei que fosse estar. Suo frio. Tento lembrar de todo alfabeto surdo-mudo. Repasso alguns gestos que aprendi na internet. E, enquanto ouço uma de minhas músicas prediletas no discman, penso que não gostaria, em nenhum momento, que Lana ouvisse só para facilitar as nossas conversas. Queria, sim, que ela pudesse ouvir para poder dançar uma velha canção de Bryan Ferry comigo. Mas, quando a vejo entrar pela porta do café, com um sorriso enorme no rosto, segurando um pequeno quadro negro e uma caixinha de giz colorido, percebo que há uma maneira de fazer com que a gente dance.

Às vezes precisamos apenas das batidas de nossos corações.

Você encontra "I Love How You Love Me" no álbum "These Foolish Things".

“Yes, I Am a Long Way From Home” – Mogwai

Com um gesto de mãos, Lana pede U2. Movimento a minha cabeça horizontalmente, respondendo que não. Explico, ou pelo menos tento explicar através de sinais que saem como palavras da boca de um gago, que o mundo não precisa de roqueiros arrumadinhos. E, então, levanto de minha cama e coloco um CD no aparelho de som. Aumento o volume até perceber que Lana está sentindo as vibrações da música em seu peito. Volto para o seu lado e, antes de fechar os seus olhos, digo que vou cumprir a minha promessa.

Lana, agora, irá sentir uma canção de rock.

A música começa lenta, e lento é como tiro a sua roupa. Meus dedos tocam a sua pele com a delicadeza da guitarra que ouço através das caixas de som. E como se estivesse marcando o ritmo ao atingir a baqueta na caixa da bateria, aperto a sua carne. A respiração começa a perder a suavidade, o coração bate mais rápido e grave, e se confunde com o som do contrabaixo. Fazendo de minha língua uma palheta, percorro as suas pernas. Beijo a parte interna de suas coxas. Levanto o seu quadril com as minhas mãos e coloco o seu sexo mais perto de minha boca, num arranjo perfeito de líquidos, saliva, secreções. Lana treme. Puxa a minha cabeça até o seu rosto, arrastando os meus lábios pela barriga, seios, pescoço. E em uma explosão de guitarras distorcidas nós nos

beijamos. Já não há mais como evitar. Agora somos apenas um. Quando você não sabe mais quem é o músico e quem é o instrumento. Estamos no mesmo compasso. E, finalmente, é a chegada a hora da última nota, e nossos corpos descansam causando pequenas microfonias. Tremores sutis que apenas nós dois sentimos.

Não, meu amor, você não é surda, você não é surda porque ouve com o coração, eu penso, enquanto Lana deita sobre o meu corpo e, segundos depois, adormece com a orelha direita colada no lado esquerdo de meu peito.

Você encontra "Yes, I Am a Long Way From Home" no álbum "Young Team".

Outras tolas canções de amor

“This Time” – Suede

Quando me perguntaram por que diabos eu estava indo para Londres em pleno Carnaval, respondi que, além de fugir das praias, sol, samba, axé, Marquês da Sapucaí, caipirinhas, Globeleza, estava em busca de uma inglesa sem marcas de biquíni, transparente de tão branca, com os cabelos pretos e curtos, e com aquele estilo tipicamente rock and roll que sempre procurei em uma mulher. São quase dez horas da noite em um pub qualquer no So-Ho, está um frio daqueles, já estou no meu sexto copo de Guinness, e, talvez seja o efeito do álcool, mas juro que encontrei quem estava procurando. Das caixas de som, surgem os primeiros acordes de “This Time” do Suede e

ela começa a dançar com uma sensualidade nada britânica. Acendo um cigarro, penso que é falta de educação ficar olhando fixamente para alguém, mas não posso evitar. Ela movimenta o seu corpo todo coberto de roupas pretas, os sapatos masculinos acompanham o compasso da música, as mãos desenham círculos imaginários no ar, e isto é muito mais bonito do que qualquer rebolado. Foda-se o samba. Na segunda vez que Brett Anderson canta “this time is yours and mine”, eu me aproximo e digo “Hi”. Ela responde “Hello”. Tento organizar os meus pensamentos para perguntar alguma coisa decente sem tropeçar no inglês. Mas estou muito nervoso. Nervoso demais para agir sem parecer um idiota. Fico em silêncio a sua frente, enquanto ela dança

como se a minha presença não a afetasse. De repente, ela aproxima o seu rosto do meu e fala "Don't you love Suede?". Afirmo movimentando a cabeça. Agora, Brett Anderson jorra pelo som "This scene is you and me", e ela acompanha com a sua voz desafinada, e não posso mais aguentar, seguro o seu pulso. Ela pára de dançar e olha para mim. Sinto em minha mão direita um tecido familiar. Meu Deus: é uma fitinha do Nosso Senhor do Bom Fim. Eu quase tenho um ataque cardíaco aqui mesmo no pub, apago o cigarro e falo "Are you Brazilian?". "Yes", ela diz. "Bahia?", eu pergunto. Ela olha para a fitinha amarrada no pulso e responde "No.... São Paulo, this was a gift". Veja como são as coisas: atravesso o oceano em busca da mulher

perfeita, e ela sempre esteve no mesmo continente que eu. Começo a rir sem parar e, desta vez, sou eu quem coloca o rosto perto do dela e digo “Você tem marcas de biquíni?”. Ela ri. “Há dez anos que não vou à praia”, diz. Por um milésimo de segundo, nós olhamos um para o outro e voltamos a dançar. “We’re the lazy sons, we’re the only ones”, Brett Anderson profetiza antes do maravilhoso fraseado de guitarra final, e, novamente, penso “Foda-se o samba”. É isso mesmo: foda-se o samba.

Você encontra “This Time” no álbum “Sci-Fi Lullabies”.

“Like a Friend” – Pulp

Feliz 1999, Márcia disse, deixa eu sentar ao seu lado, Bruno demorou para reconhecê-la, ah, ele falou, você é a mulher que estava dançando Pulp lá na cozinha, Bruno percebeu que Márcia ainda estava de pé, senta, ele convidou, Márcia tirou os sapatos e sentou à beira da piscina com os pés dentro d’água, aqui está gostoso, ela falou, está muito quente lá dentro, e sorriu, mas Bruno estava bêbado demais para entender o sorriso, por isso disse apenas algo como eu também gosto muito de Pulp, aquela letra de “Like a Friend” é cruel, mas a música é maravilhosa, e Márcia comentou que o legal de Pulp era o realismo das letras, a vida é cruel mesmo, ela disse, sei que é clichê mas é a

verdade, e foi então que Bruno começou a dizer aquelas coisas, talvez fosse o excesso de álcool, mas ele não poderia evitar porque cada vez que olhava para Márcia lembrava do que havia visto há duas, três, quatro horas, Márcia tão bonita com o seu vestido preto, e isso era o mais lindo, ela era a única mulher de vestido preto na festa, todas as outras estavam de branco, sim, Márcia com o seu vestido preto dançando ao som de "Like a Friend" do Pulp lá na cozinha, em meio aos pratos, garrafas, copos, geladeira, forno de microondas, movimentando o seu corpo como se aquela fosse a última dança de sua vida, Bruno não conseguia parar de pensar naquilo e tudo começou a fazer sentido e, então, ali à beira da piscina, os dois bêbados, final de festa, com os

pés molhados e esperando o sol nascer, Bruno começou a dizer aquelas coisas, coisas do tipo é uma pena que a gente tenha se encontrado apenas no começo de 1999, porque, afinal, você parece ser tão especial e eu gostaria que a gente pudesse passar mais tempo juntos, mas, você, sabe, estamos em 1999 e isso não é justo, o que não é justo, Márcia quis saber, não é justo, ele disse, simplesmente não é justo, não é justo que eu conheça você logo quando o mundo está prestes a terminar, sim, você tem razão Márcia, a vida é cruel como uma canção do Pulp, é cruel, é injusta, é triste, mas se você quiser eu posso viver cada um dos últimos 365 dias que ainda nos restam ao seu lado, como assim, ela perguntou, como assim o quê, Bruno disse, como assim 365 dias que nos restam,

sim, talvez fosse o excesso de álcool mas Bruno disse ué, você não sabe, estamos em 1999, este é o último ano do milênio, na virada de 1999 para 2000 o mundo acaba, Márcia, assustada e surpresa, olhou fixo para Bruno e disse você está louco, não estou louco não, ele falou, você acredita nesta mentira, ela perguntou, Bruno apenas disse claro, eu acredito em profecias, Márcia, então, segurou a mão esquerda de Bruno e falou você pode acreditar o quanto quiser nesta história de que o mundo vai acabar no final do milênio, mas é bom que você saiba que o terceiro milênio começa em 2001 e não no ano 2000, Bruno duvidou, tem certeza, ele perguntou, tenho, Márcia disse e ele se sentiu o maior idiota do mundo, tenho que parar de beber, pensou, tenho que parar

de beber e ficar dizendo estas bobagens, mas logo percebeu que aquilo era uma boa notícia, o mundo não vai acabar no ano 2000, puxa, que bom, quer dizer que ainda tenho muito tempo para ficar com você, ele falou, e quem disse que vou querer estar com você, ela perguntou, eu nem conheço você direito, e Bruno apenas apertou com força a mão de Márcia e disse nós temos 730 dias para você me conhecer melhor, é mesmo, Márcia perguntou, é, ele afirmou e, segundos antes de beijá-la pela primeira vez, enquanto o DJ da festa colocava novamente Pulp no som, Bruno disse feliz 1999.

Você encontra "Like a Friend" na trilha sonora do filme "Great Expectations".

“Kicked in The Sun” – Built To Spill

Eve diz droga, você demorou pra devolver este disco, agora fecha logo a porta do carro que eu quero aproveitar o restinho de sol do dia. Eu obedeço e ela acelera, deixando para trás o movimento do centro no final da tarde. Desculpe, eu digo, é que fiquei viciado em Built To Spill. Ela sorri com seus olhos curvados e fala então o que é que você tá esperando, coloca logo o disco no som. E, então, eu penso que é isso que sempre gostei em Eve: seu jeito apaixonante de sorrir com os olhos, como se não fossem necessários lábios, covinhas e dentes brancos. Tudo que ela precisa é olhar para mim. Aperto o play e, enquanto vejo a paisagem urbana se desfazer pela janela de seu

carro, falo na verdade acho que não fiquei viciado em Built To Spill. Ah, então é pra conversar sobre isso que você quis me ver com urgência, Eve conclui. Talvez, respondo, ou quem sabe só quis dar uma volta de carro com você e aproveitar este dia de verão em pleno início de inverno. Ela dirige rápido. Estamos quase saindo da cidade, o sol se pondo à nossa frente. Eve coloca sua bolsa no colo, começa a procurar alguma coisa, tira telefone, carteira, batom e, enfim, seus óculos escuros e fala você tem razão, tá quente pra caralho, e este sol tá de matar. Não, eu digo ao mesmo tempo em que pego de suas mãos os óculos escuros. Hã, ela não entende. Não, Eve, peço, não coloque seus óculos escuros, eu quero ver seus olhos. O que você tá dizendo, ela pergunta. Tô dizendo

que são seus olhos, são nestes olhos puxados que fiquei viciado, são neles que não páro de pensar cada vez que ouço Built To Spill. De repente, as guitarras ficam mais altas, a voz tem mais emoção e, num ato brusco, Eve pára seu carro à beira da estrada. Você quer matar a gente, pergunto. Acho que você é quem quer me matar, ela diz. Nós ficamos alguns segundos em silêncio, Built To Spill rolando no som do carro, o sol cada vez mais baixo. Droga, não tô enxergando nada, Eve murmura, me dá logo estes óculos escuros. Você não vai precisar de óculos, digo enquanto solto o cinto de segurança. Como assim, ela pergunta. É só fechar os olhos, digo e, assim, de olhos fechados e cegos na mesma escuridão, eu e Eve sorrimos.

Você encontra "Kicked in The Sun" no álbum "Perfect From Now On".

“O Amor” – Tom Bloch

Prostitutas não beijam na boca, Vivi disse enquanto tentava se esquivar do abraço de Carlos, os dois ali no meio da pista de dança, a banda Tom Bloch tocando no palco, que droga, ele pensou, ela me dá a maior bola e agora não quer me beijar, e, então, ela perguntou, por que eu deveria te beijar, por quê, ora porque tu tá a fim de mim, eu sei, eu posso ver em teus olhos, mas Vivi apenas repetia prostitutas não beijam na boca, por que, então, eu deveria te beijar, Carlos falou qualquer coisa parecida como o que tu quer, ela disse vamos sair daqui, a gente tem que ficar gritando, os dois foram para fora do bar, ele comprou outra lata de cerveja, ela preferiu uma água sem gás, Carlos

perguntou de novo o que tu quer, Vivi, então, disse, o que eu quero, bem, eu não quero que o beijo seja uma coisa banal, eu quero o nervosismo do primeiro beijo, eu quero sentir o meu coração tremendo, eu quero sentir tu ter a dúvida e o medo de que talvez eu não queira te beijar, eu quero te ver tremer cada vez que os nossos rostos chegam perto e nenhum de nós dois têm a coragem e a convicção suficiente de ir adiante, eu quero paixão, mais do que atração, eu quero um beijo longo, molhado, suado, brigado, uma batalha de línguas, uma carícia de lábios, eu quero que as pessoas se assustem ao verem o nosso beijo, eu quero que sintam inveja, eu quero lhe querer desesparadamente quando sentir o teu gosto no meu gosto, porque o beijo, Carlos, o beijo é

o mais íntimo que uma pessoa pode chegar de outra pessoa, mais até do que sexo, porque o beijo significa tantos inícios, início de um namoro, início de uma transa, início de um casamento, porque o beijo é o começo de tudo e o fim de uma ansiedade quase sufocante, porque o beijo é a melhor medida do amor, tu já viu que duas pessoas que se amam sempre trocam beijos, mesmo depois de anos de relacionamento, tu já viu, sim, Carlos, eu sinto atração por ti, mas eu quero lhe dizer que, cuidado, eu não quero um beijo qualquer, sou como uma prostituta, tenho um preço alto pelo beijo, Carlos, já meio assustado com aquele monólogo, perguntou qual seria este preço, Vivi suspirou e disse tu, como assim eu, tu até o fim, até o fim como, Carlos perguntou, até o

fim e só, ele, então, pegou a mão esquerda de Vivi e levou ao seu coração, tu tá nervoso, ela falou, tá tremendo, é que descobri uma nova utilidade para o beijo, ele disse, ela quis saber qual, fazer uma mulher calar a boca, Carlos falou no mesmo momento em que juntava os seus lábios aos lábios de Vivi, Tom Bloch no volume máximo vindo lá da pista de dança e, se me permitem um conselho, lembrem-se cada vez que forem beijar: prostitutas não beijam na boca.

Você encontra "O Amor" no álbum "Tom Bloch".

“Black Thumb” – Lori Carson

Bruna disse é foda, eu sei, as coisas fugiram de controle e eu estraguei tudo, estraguei tudo de novo, não posso lhe pedir mais uma chance, mas é por isso que estou aqui, ele ouvia tudo com o coração palpitando, talvez fosse raiva, talvez saudade, talvez ela não tivesse o direito de estar batendo a sua porta tão tarde da noite, vestindo um paletó de couro sobre aquele pijama de estampa de bolinhas que ele tanto gostava de despir, ele permanecia quieto e imóvel, com o ombro direito sobre o batente da porta, e ela ali, com os seus olhos molhados, pedindo desculpas, as desculpas com as quais ele tanto sonhou, as desculpas que vieram tarde demais, as mesmas desculpas de sempre,

ele disse caralho, Bruna, você nunca foi capaz de ter um pingo de consideração, caralho, Bruna, são quase duas da manhã, eu tenho que trabalhar logo cedo, eu tenho que dormir, você tem que dormir, não posso conversar agora sobre isso, sobre nós dois, e ela, com uma voz que parecia sair com uma força fora do comum, implorou deixa eu dormir com você, ele olhou para o chão, não queria que os seus olhares se encontrassem, não agora que era ele o dono da situação, os tênis sujos de barro de Bruna, deve ter chovido na madrugada e eu nem percebi, ele pensou, desejou ter um cigarro em sua mão, desejou não ter que passar por tudo isso, desejou que ele fosse o suficiente para Bruna, desejou que ela nunca precisasse ter que procurar outra pessoa,

desejou ser, quem sabe um dia, suficiente para alguém, e, de repente, ela estendeu a sua mão esquerda quase coberta pelo casaco de couro, ela e a mania de usar roupas com número maior, e tocou o seu rosto, e ele, num ato contínuo, segurou o pulso de Bruna e a puxou contra o seu corpo, sim, ele disse, sim, meu amor, você é foda, você estragou tudo, estragou a minha vida, mas eu preciso de seu beijo agora, ela disse desculpa, eu nunca quis te dar nada além de felicidade, e, antes de beijá-la, antes de fazer o que o seu orgulho condenava, antes de mandar às favas toda a sua racionalidade, antes de arriscar novamente a sua vida na vida de Bruna, ele falou você só quis me dar felicidade e tudo o que eu sempre quis foi somente você.

Você encontra “Black Thumb” no álbum “Everything I Touch Runs Wild”.

“9th Floor” – Superphones

Este é o meu último dia em Londres e, pelo que posso ver da janela do apartamento, o tão famoso fog londrino resolveu aparecer. Termino de colocar as minhas roupas na mochila, acendo um cigarro, caminho até a janela, vejo um táxi preto com o logotipo da Virgin passar, e digo:

“É parece que os dias de sol se foram.”

“Ou talvez tu tenha colocado o sol dentro de tua mochila”, ouço a sua voz vindo lá da cozinha junto com o cheiro do café brasileiro que trouxe comigo.

“Posso desfazer a mochila, se tu quiser”, eu falo sem tirar os olhos do asfalto molhado, esperando por uma resposta positiva.

Mas não há resposta.

Ela apenas caminha em silêncio em minha direção e me oferece uma xícara de café.

“Toma”, - ela diz. “Tá frio lá fora, este café vai te deixar aquecido até a estação de metrô.”

“Tu não tá entendendo...”, começo a falar, mas ela me interrompe.

“Quem não tá entendendo é tu. Foi maravilhoso tu ter vindo, não imagina como fiquei feliz por isso. Nunca alguém mostrou tanto amor por mim, mas já te disse que aqui não há lugar pra dois.”

“Então meu visto de permanência acabou, né?”

Ela sorri. Em câmera lenta, vejo uma lágrima caindo sobrec a sua bochecha rosada.

“Acabou”, ela sentencia.

“Quinze dias e mais nada”, eu murmuro.

“Mais nada”, ela concorda e encerra o assunto.

Termino de beber o meu café em silêncio. Começo a pensar que talvez ela esteja certa. Quem sabe não é assim, se sentindo estrangeira de país em país, que um dia irá se dar conta de que possui um lar? Quem sabe não é assim, começando relacionamentos que nunca irão continuar, que um dia irá perceber que não está sozinha? Quem sabe não é assim, insistindo para que eu vá embora, que um dia irá me amar? Então, deixo a xícara de café sobre a mesa da cozinha e, já com as mochilas nas costas, abro a porta do apartamento. Sem despedidas, desço de escada os nove andares.

Quando finalmente sinto em meu rosto o fog londrino, tenho a impressão de que o meu mundo já não existe mais. Mas pouco importa. É sempre assim: para que um mundo possa ser construído, outro tem que ser destruído. Ela merece, penso, e logo depois coloco um sorriso no rosto e caminho até a Victoria Station.

Você encontra "9th Florr" no álbum "Superphones".

“Rocket Man” – Kate Bush

Aos oito anos de idade, Liana dizia que seria uma astronauta quando crescesse, uma astronauta porque, afinal de contas, o mundo é muito grande, o universo é muito grande, existem zilhões de estrelas, planetas, satélites, em algum outro lugar deve ter vida, seria muito egoísmo de nossa parte achar que somos os únicos no meio disso tudo, e vai que o meu príncipe encantado seja o herdeiro de outra galáxia, seria muito azar, muito azar mesmo se a gente nunca se encontrasse porque a boba aqui não sabe como viajar pelo espaço, então Liana queria ser astronauta, desenhava espaçonaves em seu caderno, sonhava que estava flutuando na gravidade zero,

colecionava reportagens sobre a NASA, mas Liana cresceu, logo já era uma adolescente que não acreditava mais em príncipes encantados, o seu único objetivo era entrar no livro dos recordes como a menina que mais beijou meninos em uma única noite, e esqueceu que um dia desejou ser uma astronauta, e quanto mais o tempo passava, mais Liana deixava de lado o seu antigo sonho, fez vestibular para arquitetura, começou a ter alguns namorados firmes, formou-se na faculdade, quebrou alguns corações, arranjou um emprego, teve o seu coração quebrado algumas vezes, montou a sua casa, um apartamento de um quarto, móveis reformados por ela mesma, as paredes cobertas por fotos de seus amigos, uma sacada com vista para o céu, e foi neste mesmo céu

que Liana, às vésperas de completar vinte e oito anos de idade, sentiu-se sozinha pela primeira vez na vida desde aquelas tardes quando imaginava em que maldito lugar do universo estava o seu príncipe encantado, por que ele demorava tanto a aparecer, a mesma pergunta agora Liana fazia enquanto bebia um copo de vinho no décimo-segundo andar de seu prédio, foi o mais perto que ela conseguiu chegar das estrelas, dos planetas, dos satélites, deste universo gigantesco onde o seu príncipe encantado estava escondido, e Liana, mesmo sabendo que esta história de príncipe encantado era a maior bobagem do mundo, não teve como evitar uma pontada em seu peito ao imaginar mais vinte anos de beijos sem alma, namoros sem anos bissextos, e

então Liana estendeu a sua mão ao céu e, como se alguém lá em cima a ouvisse, disse outra vez eu quero ser uma astronauta e, ignorando as leis da gravidade, jogou-se em direção ao espaço para beijar o seu príncipe encantado sob a luz das estrelas.

Você encontra "Rocket Man" no álbum "Two Rooms".

“Erika” – The Maybees

Oi, meu nome é Erika, ela diz, sorrindo por ser tão óbvia, como se seis meses de distância pudessem apagar dois anos de alegrias, lençois e refeições compartilhadas, surpreso, ele permanece em silêncio, com o copo de cerveja na mão, os pés acompanhando a batida pop que vem lá do palco, desculpe, ele fala, não pensei que fosse encontrar você por aqui, ela arqueia as sobrancelhas e infla as bochechas, nossa, ele pensa, ela continua a mesma, e não pode evitar o susto ao sentir um frio na barriga, o coração acelerar, aliás, ele completa, não pensei que a gente fosse se encontrar tão cedo, tão cedo, ela pergunta, nossa, João, seis meses é muito tempo, muito tempo pra quê,

ele quer saber, como assim, ela não entende, seis meses é muito tempo pra esquecer, pode ser, mas não pra mim, pelo visto você queria que eu já tivesse esquecido, né, afinal, aparece na minha frente dizendo o seu nome, desculpe, ela diz, foi apenas uma brincadeira, ele tenta desviar o seu olhar dos olhos dela, levanta a cabeça para tentar ver a vocalista cantar, ela balança a cabeça, e fala tô invandindo o seu território, né, o quê, ele pergunta, invadindo o seu território, ué, shows de rock fazem parte de sua vida, não da minha, ela responde, ah, ele fala, mas deste aqui sempre pensei que você fosse gostar, é tão gostoso, não acha, e então ele já não pode mais desviar os seus olhos e, de repente, percebe um brilho naqueles olhos que sempre refletiram o seu futuro, droga, ele

sussurra, nunca esqueci você, sei que as minhas desculpas não vão apagar todas minhas mentiras, mas sempre quis você de volta, ela continua balançando a sua cabeça, no palco a banda substitui as guitarras por violões, e ela diz eu sei, e o seu corpo começa a dançar, fazendo círculos perfeitos ao som da melodia que diz “make a world a better place to live in”, e ela repete eu sei que você sempre me quis de volta, e quer saber, ela continua, acho que já é hora da gente fazer deste mundo um lugar melhor pra gente viver, agora é a vez dele sorrir, então ele deixa o copo de cerveja em uma mesa qualquer, e pergunta você quer dançar, ela apenas estende a sua mão direita para o alto, e os dois giram, giram, giram pela pista, como se aquele pedido de dança fosse,

quem sabe, um novo pedido de desculpas, um novo pedido de uma segunda chance e, desculpe por ser tão breguinha, um novo pedido de namoro.

Você encontra "Erika" no álbum "Picture Perfect".

“How to Fight Loneliness” – Wilco

Você não me pergunta como quero os meus ovos, e mesmo assim diz que vai me deixar esta manhã. Observo com calma os seus movimentos pela cozinha. Acender o fogão. Abrir os armários. Checar se a geladeira está bem fechada. Passar a manteiga sobre as torradas. Tento decorar cada pedaço desta cozinha. Como se montasse um álbum de fotografias particular. Sei que não voltarei mais aqui. E me consola o fato de que pelo menos um de nós dois está satisfeito com isso.

Ainda em silêncio você coloca a mesa. Enche a minha xícara com café preto sem esperar que eu diga quando parar. Imagino se um dia você irá esquecer tudo isso. Penso em

convidá-la a escrever um manual de instruções para me acompanhar daqui para frente.

E os ovos. Sim, os ovos. Não adianta dizer que estão ótimos porque o momento não é para elogios. O que me resta é mastigá-los com força. Colocando entre os meus dentes toda a minha desilusão travestida de raiva.

Enquanto isso você bebe o seu chá. Sem coragem de olhar para mim. Com a vergonha amarela de quem não sabe perdoar. Com dificuldades para engolir o que sente.

Cuidado.

Você ainda vai se engasgar com tanto orgulho.

Você encontra "How to Fight Loneliness" no álbum "Summerteeth".

“The Shining” – Badly Drawn Boy

E quando ela sorri novamente, eu digo às vezes queria ter uma agulha para furar as suas bochechas só para saber se elas iriam estourar como bixiguinhas. Tento procurar os patos que costumavam comer as sobras de pão em minhas mãos. Mas o Parcão já não é o mesmo. E agora não me sinto à vontade com o frio úmido de Porto Alegre. Só você continua igual às minhas memórias, eu falo. Ela ajeita a manta em volta do pescoço e diz como se você lembrasse de mim tanto assim. Não sinto nenhuma ironia ou falsa modéstia em seu tom de voz. E ela tem razão. Quinze anos apagaram torcidas de futebol, mapas invísiveis na cabeça, letras de canções na rádio às seis da tarde. Por

que não apagariam o seu sorriso? Sabe, digo, adoro o fato de ainda saber que você adora a torta de chocolate do Via Fettucine, isso me faz pensar que a gente vivia o nosso mundo como se estivéssemos em uma casa na árvore, como se fôssemos duas crianças descobrindo a paixão, como se o mundo lá fora não merecesse nossa atenção. Ela ri sem jeito. As suas bochechas ficam rosadas. Segura a minha mão, e fala com carinho é uma pena que a gente tem que crescer. Aperto os seus pequenos dedos. E estamos muito grandes para entrarmos na casa da árvore novamente, concluo. Ela concorda com outro sorriso. Desta vez não resisto. Aperto as suas bochechas. E beijo o seu rosto com carinho. Não ouço

bixiguinhas estourando. Mas posso ouvir o meu coração gritando dentro de mim.

Você encontra "The Shining" no álbum "The Hour of The Bewilderbeast".

“Ladies and Gentlemen We’re Floating in Space” – Spiritualized

Nós somos proibidos de fazer sexo porque não conseguimos separar sexo do amor e o amor nos últimos anos vem matando mais do que a religião matou nos últimos três milênios e por isso vivemos enjaulados em pequenas cápsulas que flutuam no espaço e assim não temos contato uns com os outros já que todo o processo de reprodução humana é realizado pelos eunucos do ministério assistidos de seus estúpidos andróides e às vezes enquanto passeio ao redor de Marte eu penso qual é a razão de ainda existirmos se estamos condenados à esta solidão por entre as estrelas mas a verdade é que eles precisam de nossos

corações pulsando para reciclar o ar que respiram na Terra e o dia em que irei descer para ser acoplado àquelas máquinas dolorosas de fotossíntese está por vir e então dirijo a minha cápsula para perto da cápsula de Maria e esboço um sorriso e ela sorri de volta e de repente aquele formigamento nas pernas surge novamente e consigo perceber uma lágrima caindo de seus olhos e isso me assusta porque também tenho vontade de chorar e nos meus vinte anos de vida lembro que chorei apenas uma vez e foi no momento em que me prenderam nesta cápsula e depois nunca mais chorei porque fui me acostumando com esta vida solitária com doses diárias de vitaminas sem gosto e sons de violinos para que eu pudesse dançar por entre os planetas e agora e

agora e agora Maria está chorando e não sei o que fazer porque isso significa que vamos morrer pois eles sabem tudo e observam tudo e provavelmente já perceberam o que estamos sentindo e é melhor morrer assim com a cápsula aberta repentinamente no espaço do que viver para sempre sem sentir este formigamento e ver as lágrimas de Maria que querem me dizer o que desconfiei por toda a minha vida: existem coisas que você não pode proibir, elas simplesmente acontecem, olá, adeus.

Você encontra "Ladies and Gentlemen We're Floating in Space" no álbum homônimo.

“One Too Many Mornings” – Bob Dylan

Bem-vindo à vida adulta, diz Pedro enquanto estaciona seu carro à frente do prédio que em algum dia da década de 50 já fora amarelo. Pergunto por que diabos estes lugares são sempre antigos, com este jeito decadente e burocrático que tanto me deprime. Ele balança a cabeça, como se quisesse dizer não sei, e fala que ainda temos tempo para um café, um refrigerante, qualquer coisa que acompanhe bem um cigarro. Falando nisso, acrescenta, está na hora de você pensar em parar de fumar. Sim, eu sei disso, digo, e saímos do carro e caminhamos pelas ruas movimentadas, sujas e confusas do centro da cidade. Mas, para a minha surpresa, vemos uma loja de discos de

vinil. Parece que o lugar fora preservado pelo tempo, se fechar os olhos, posso imaginar que tenho 15 anos novamente. Sinto um cheiro familiar, uma mistura de plástico e papel novo. Vamos entrar, falo para Pedro, o cigarro pode ficar para depois. Ele sorri e pede para eu não me empolgar, afinal, sabe como ajo quando estou dentro de uma loja de discos. Retribuo o sorriso e digo se perder a hora, tem alguém lá em casa que me mata.

Como se fosse reflexo condicionado, procuro com os olhos a prateleira com as novidades, mas então lembro que não estou em uma loja de discos qualquer. Penso se meu filho irá herdar de mim a paixão e o vício pela música, e se ele também irá sofrer com a mudança de formatos. Lembro a Pedro o

quanto foi traumatizante quando os CDs começaram a substituir os vinis, e como relutei para aderir à nova mídia. Provavelmente o meu filho irá crescer em um mundo sem álbuns, um mundo feito de canções isoladas em formatos que começam com ponto alguma coisa, falo enquanto reviro a seção dedicada ao Bob Dylan, o que é uma pena, continuo, afinal um bom álbum é como um bom livro, um bom filme, tem começo, meio e fim, tem uma história para contar. Pedro ri e diz que não irá achar estranho se eu cantar todo Highway 61 Revisited para o meu filho dormir em vez de ler contos de fada. E as suas palavras fazem surgir uma idéia dentro de mim. Mais do que isso, uma sensação de que as coisas, ao contrário do que pensava, não mudaram tanto

assim nos últimos três dias. Sim, Pedro, digo, talvez a vida adulta esteja começando definitivamente agora, mas quem sabe eu possa deixar que a minha juventude dure para sempre. Então, tiro o telefone celular do bolso e saio da loja.

Ela pergunta se a papelada já está pronta. Respondo que ainda não, que houve mudanças de planos, que precisamos conversar. Bruxa como ela é, adivinha o assunto e diz que o assunto já está decidido e que não quer mais discussão. Por favor, falo, só ouça o que tenho a dizer. Silêncio do outro lado da linha. Ela me dá sinal verde e eu falo que nosso filho tem que ser realmente fruto do que somos, não apenas de nosso amor e compromisso, mas da bagagem que

carregamos conosco, com os nossos erros e acertos. E o que isso tem a ver com o nome da criança, ela quer saber. O nome dele, explico, tem que ser algo que as pessoas digam nossa, só poderia ser filho deles mesmo. Ela pede para eu falar logo o nome que escolhi. Dylan, revelo. Dylan, ela indaga. Dylan, repito. Hurricane, ela diz. One too many mornings, digo. Enfim, posso sentir que ela está sorrindo ao telefone. Desligamos e eu falo para Pedro esquece o café, o refrigerante, esquece tudo e vamos voltar para o cartório.

Você encontra "One Too Many Mornings" no álbum "The Times They're Changing".

“Rocks Off” – The Rolling Stones

Você não existe, ela diz ao abrir a porta do apartamento, o sorriso projetando sombras de felicidade nas paredes da sala, as chamas das velas dançando ao som de uma velha canção dos Stones, a mesa posta, o aroma de alecrim, vinho e rosas vermelhas. Você não existe, repete, imaginei que nunca fosse lembrar. Devolvo o sorriso, abro os braços, ela aceita o convite. Os longos cabelos deslizam pelo meu ombro, ensaiamos alguns passos, evito fechar os olhos, como se fosse preciso guardar cada segundo deste momento. Dez anos, finalmente quebro o meu silêncio, dez anos, nunca imaginei que ficaria tanto tempo ao lado de alguém. Ela ergue a cabeça, aproxima a boca

de meu rosto, morde os meus lábios, e dali desce até ficar de joelhos, abrindo com dentes um caminho de botões e zíper. Esqueço o jantar, e não reajo ao ser engolido. A música abafa os meus gemidos, não era para ser assim, penso, mas foda-se. O discurso fica para depois. Agora, só quero puxá-la com força, deixá-la apenas de salto alto, encostá-la contra a parede. E mergulhar sobre a sua pele. Sou o seu banquete. Ela é o meu banquete. Somos pedaços de carne em um banquete. O banquete dos mendigos, dos famintos, dos desesperados por um segundo sem solidão. Um segundo que iniciou assim, ofegante e suado, e que, de repente, transformou-se em dez anos. Quantos segundos valem dez anos? Nós já tivemos demais, penso ao desabar em queda livre sobre

as suas costas. Você não existe, mais uma vez ela fala, quero mais dez anos ao seu lado. Então é chegada a hora. Caminho até o aparelho de som, aponto para a capa de Exile on Main Street. Você não acha estranho o fato de eu não gostar de nada que os Stones fizeram depois deste disco?, pergunto. Nua, ela se joga sobre o sofá e olha para mim com dúvida. Sério, continuo, este álbum é de 1972, isso mesmo, 1972, e os Stones ainda estão aí, tocando, lançando discos, tá certo que uns são bonzinhos, mas depois de Exile on Main Street nunca mais foram os mesmos, nunca mais foram geniais, nunca mais tiveram aquela química. Escuta, ela fala, não estraga a noite, tava indo tudo tão bem. Não, digo, você não entendeu, isto aqui não é apenas uma

comemoração. Ela tira os sapatos, coloca as pernas sobre o sofá, a poesia de suas curvas rimam novamente com o meu desejo. Mas é preciso seguir em frente. Desculpe, encerro de vez o assunto, isto aqui não é apenas uma comemoração de dez anos, é uma despedida. Ela ri. É sério, falo, queria apenas me despedir de você do jeito que a gente merece, assim, feliz. Você o quê?, ela parece não acreditar. Olha, explico, sei que você vai me achar o maior filho da puta do mundo, mas estes dez anos foram tão bons quanto os primeiros dez anos dos Stones, e eu não quero estar contigo mais dez anos e ficar lembrando que os primeiros dez anos eram muito melhores, ou pior, melhores e ponto final. Aproveito que ela ainda está sem palavras, em estado de choque,

e coloco as minhas roupas. Tão seguro quanto no dia de nosso casamento, jogo os meus discos dos Stones em uma mochila, beijo a sua testa com carinho, e abro a porta do apartamento. Você não existe, ouço ela dizer pela quinta vez na noite. E você, falo antes de sair definitivamente de sua vida, você será sempre o meu Exile on Main Street.

Você encontra "Rocks Off" no álbum "Exile on Main Street".

“Entre Seus Rins” – Ira!

Apaixonou-se pela preguiça de Martina. Não foi o olhar mutante de menina à mulher em um segundo. Nem o sorriso de toques invisíveis. Muito menos os cabelos bagunçados em manhãs de chuva seca. Percebeu que era Martina que desejava quando a viu cair sobre a rede. Ali, do outro lado da rua, ele passava as tardes de domingo observando em silêncio aquele balanço de sensualidade lenta. Na rede, Martina parecia ser única no mundo, em um mundo único, de gargalhadas repentinas e sobrancelhas arqueadas. E tudo o que ele queria era deitar com ela sobre a rede, e deixar que aquela preguiça fizesse dele um homem com mais paz para viver. No entanto,

simplesmente não se julgava capaz de dizer foda-se ao trabalho, aos amigos, às aparências, às camisinhas vazias de alma espalhadas pelo chão. Até que em um domingo acordou e viu nos olhos da mulher ao seu lado o reflexo de sua vida. E era tudo muito simples: o que viu não era vida. Levantou, olhou para o relógio, duas e meia da tarde, vestiu uma roupa qualquer, saiu de seu apartamento e atravessou a rua. Com calma caminhou até a varanda de Martina. Gosto do seu nome, ele disse enquanto ela vinha de lá para cá na rede, Martina. Como você sabe o meu nome?, ela perguntou enquanto vinha de cá para lá na rede. Há anos que eu sei tudo sobre você, ele respondeu ao mesmo tempo que parou o movimento da rede com as mãos, sei tudo

sobre você Martina. E por que você gosta do meu nome?, ela falou enquanto as mãos trêmulas revelavam que também sabia tudo sobre ele, por que você gosta de Martina. Porque quando termino de dizer Martina a minha língua toca o céu da minha boca, ele disse parafraseando Nabokov, assim Mar-ti-na. E o que você acha da sua língua tocar o céu da minha boca?, ela sugeriu com o coração e o rosto vermelhos. Sem pedir permissão, ele jogou o seu corpo na rede. E mesmo que a urgência fosse tanta, ele segurou o rosto de Martina quando ela dirigiu os seus lábios aos dele. Calma Mar-ti-na, ele pediu. Ela olhou para ele sem nada entender. Calma, ele repetiu, a paixão é que tem pressa. E a beijou devagar, enquanto os seus corpos se

afundavam na rede que começava a balançar. Já o amor, ele sussurrou, o amor é preguiçoso.

Você encontra "Entre Seus Rins" no álbum homônimo.

“Ziggy Stardust” – David Bowie

O menino Lucca apareceu assim de repente, no segundo dia de praia, enquanto os dois tentavam lembrar a letra de uma antiga canção de David Bowie, entre uma lata de cerveja e outra, como se essa fosse a única maneira de escapar de todo o axé em alto volume que balançavam as suas cadeiras de plástico. E, então, junto com os versos finais de *Rebel, Rebel* surge ao lado de João e Julia aquela criança de cinco, seis anos no máximo, com a pele morena de sol e um sorriso que convidava à conversa. Era inevitável. E inevitável foi. Não, eles não sabiam muito sobre crianças, somente o básico, se é que algo assim existe, e, mesmo com tantos amigos com bebês por aí,

você sabe como é a vida quando se está próximo demais dos trinta anos, os dois mal conversavam sobre filhos. Mas o menino Lucca falava como se não estivesse falando com um adulto e, cada vez que João e Julia fugiam de seus baldes cheios de areia, os três pareciam ter a mesma idade, três crianças e uma brincadeira apenas. E, sem querer, a brincadeira foi crescendo a cada dia de praia. Com mais um bebê de colo para cuidar, a mãe do menino Lucca se sentiu aliviada e simplesmente deixou que o seu filho passasse todos os dias na companhia de outro casal. Eles desenharam estrelas de cinco pontas na areia. Eles construiram castelos para se esconder do monstro do Lago Ness. Julia até tentou dizer que o Lago Ness era um *lago* e

eles estavam no mar, mas João argumentou que era muito mais emocionante ser um monstro do Lago Ness do que um monstro do Mar de Florianópolis. Eles até ensinaram o menino Lucca a cantar David Bowie. Quando o pequeno disse que teve pesadelos com o monstro do Lago Ness na outra noite, Julia não teve dúvidas. Disse para ele acordar, respirar fundo, enxugar as lágrimas e começar a cantarolar *Ziggy Stardust*. Ou vocês não sabiam que a única pessoa capaz de derrotar o monstro do Lago Ness é o incrível Ziggy Stardust? Foi assim, entre monstros, canções de David Bowie e muita areia no corpo que os dois passaram aquele verão. É claro que foi difícil se despedir do menino Lucca. E nem preciso dizer que Julia caiu aos prantos

quando ele cantou, em um inglês quase perfeito, *Heroes*. Na estrada, de volta para casa, enquanto colocava uma foto do menino Lucca no painel do carro, João pediu para que Julia o ensinasse a cantar melhor *Ziggy Stardust*.

– Por quê? Você também está sonhando com o monstro do Lago Ness? – perguntou ela.

– Eu? Não, não – respondeu ele sorrindo. – Mas preciso estar preparado para quando o nosso filho sonhar.

Você encontra "Ziggy Stardust" no álbum homônimo.